

FNLIJ COMPLETA 47 ANOS

Ao atingir no dia 23 de maio 47 anos de sua criação, a FNLIJ comemora o marco resgatando o início do seu trajeto como seção nacional do International Board on Books for Young People – IBBY, cumprindo a missão de proporcionar o acesso democrático a livros de qualidade para crianças e jovens. O primeiro contato do Brasil com o IBBY aconteceu em 1964, no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais - CBPE, que fazia parte do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - Inep. Para contar como tudo começou, o *Notícias FNLIJ* conversou com Maria Luiza Barbosa de Oliveira, técnica de assuntos educacionais do MEC, que ressaltou a importância do CBPE na criação da Fundação.



Primeiro Conselho Superior da FNLIJ formado por representantes das entidades instituidoras em julho de 1968:

Juracy Silveira

Associação Brasileira de Educação;

Antonio Severo Sant'Anna

Associação Brasileira do Livro;

Francisco Marins

Câmara Brasileira do Livro;

Sylvio Walter Xavier

Centro de Bibliotecnia;

Péricles Madureira de Pinho

Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais;

Ruth Villela Alves de Souza

Centro Regional de Biblioteconomia;

George Cunha de Almeida

Instituto Nacional do Livro;

Ferdinando Bastos de Souza

Sindicato da Indústria Gráfica do Estado da Guanabara

Propício Machado Alves

indicato Nacional dos Editores de Livros;

Waldemar Cavalcanti

União Brasileira de Escritores;

Luís Jardim

ilustrador de Livros Infantis;

Ofélia Fontes

autora de Livros Infantis;

Rodrigo Otávio Filho

representante das atividades empresariais.



Três marcas da FNLIJ utilizadas ao longo dos anos

PÁGINA 4
Feira de Bolonha
2015

PÁGINA 7
Ilustradores
brasileiros na BIB
2015

PÁGINA 8
IBBY francês destaca
LIJ brasileira após
o Salão do Livro de
Paris

Entrevista com Maria Luiza Barbosa de Oliveira

O que foi o CBPE?

Maria Luiza – O CBPE foi uma instituição criada em 1956, sob a liderança do Professor Dr. Anísio Teixeira, quando ele era diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), órgão ligado ao, então, Ministério da Educação e Cultura (MEC). Dr. Anísio era um grande educador e lutou pela formação da criança por meio da educação em tempo integral. O CBPE ficava na Rua Voluntários da Pátria, em Botafogo, no Rio de Janeiro e reuniu educadores e cientistas sociais em um projeto que tinha como metas prioritárias promover o desenvolvimento de pesquisas sobre educação e sociedade, a fim de subsidiar as políticas públicas do setor implementadas no País. Seu diretor era o Dr. Péricles Madureira do Pinho, que tinha sido membro do Conselho Federal de Educação e diretor do Banco do Estado da Bahia, Chefe de gabinete do ministro da Educação Simões Filho em 1951, além de ter sido responsável pela instalação da Casa do Brasil na Cidade Universitária de Paris, em 1959.

O CBPE tinha divisões autônomas, dedicadas à Pesquisa Educacional (Depe), à Pesquisa Social (DEPS), à Documentação e Informação Pedagógica (DDIP) e ao Aperfeiçoamento do Magistério (DAM), que davam suporte para a fundação de um núcleo de estudos sobre a educação, com a organização de um vasto acervo bibliográfico e documental. Havia também a preocupação em levar ao magistério as inovações pedagógicas, assim como os resultados de pesquisas e estudos recentes, sobre temas pertinentes ao ensino e à realidade social, o que orientou boa parte das atividades ali desenvolvidas. É importante destacar também a importância do Inep, que teve reconhecimento nacional e internacional a partir do modelo adotado pelo Dr. Anísio Teixeira, que passou a dar maior ênfase ao trabalho de pesquisa. Hoje, o Inep tem o nome de Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quando a senhora começou a trabalhar no CBPE?

Eu entrei no CBPE em 1957, quando estava acabando o curso de Pedagogia da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da PUC-RJ. Eu trabalhava no setor de Documentação e Informação Pedagógica, que se ocupava das leis de educação do Brasil, distribuía livros e colocava à disposição dos professores equipamentos

e materiais de ensino; cuidava da documentação da educação, de ciências sociais e demais fontes da educação; da documentação relativa às necessidades dos estudos e pesquisas desenvolvidas pelas diferentes divisões; era responsável pelo cadastro bibliográfico e de instituições educacionais; pela informação, intercâmbio e divulgação; por publicações; pelo museu pedagógico destinado a demonstrar a evolução das doutrinas, práticas educacionais, do material de ensino, especialmente em relação ao País, cabendo-lhe, ainda manter filмотeca, discoteca, arquivo de fotografias e gravuras.

O CBPE sempre foi um centro de vanguarda, tinha centros regionais na Bahia, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais e Pernambuco. Como Dr. Anísio sempre pensou em educação integrada à sociedade, a Divisão de Ciências Sociais era coordenada pelo antropólogo Darcy Ribeiro, que promovia cursos para professores de nível superior, para pesquisadores e antropólogos, fundando então a revista Educação e Ciências Sociais.

Qual foi o papel do CBPE na criação da FNLIJ?

O CBPE recebeu uma carta da D. Carmen Bravo-Villasante, então presidente da seção espanhola do IBBY, para que o Brasil enviasse livros infantis para uma exposição de livros da América Latina que seria apresentada no 9º Congresso do IBBY em Madri, no ano de 1964. O Dr. Péricles encaminhou a carta para o setor de Documentação e Informação Pedagógica, e, como a entidade já tinha dentre as suas funções atender às bibliotecas de escolas, fui encarregada de ir às livrarias e editoras onde nós comprávamos os livros para selecionar os títulos que eu achasse importantes.

A senhora foi para o Congresso do IBBY?

Sim, eu fui para Madri como representante do Brasil, participei de todo o congresso, conheci o trabalho do IBBY, em prol da literatura infantil e juvenil como instrumento da paz e vi os nossos livros expostos ao lado de títulos de outros países da América Latina. Após o evento, eu enviei o relatório para o Dr. Péricles e como tinha ganhado uma bolsa de estudos do governo da Bélgica, na Universidade Católica de Louvain, onde fiz um curso de planejamento de educação, fiquei mais dois anos na Europa.

Como surgiu a ideia de criar a FNLIJ?

Ao voltar em 1967, falei com Dr. Péricles sobre o IBBY e a importância de criarmos algo aqui, seguindo a mesma linha. Ele aconselhou que se constituísse uma entidade de direito privado. Assim, nós começamos a pensar nas pessoas que se interessavam por literatura infantil, dentro da ideia do IBBY, para fazer parte do projeto. Eu convidei a Laura Sandroni, amiga dos tempos de bandeirantismo, onde trabalhávamos como voluntárias. Laura era formada em Administração Pública, pela FGV, estava casada há pouco tempo, cuidando dos filhos e aceitou participar do trabalho com o livro infantil, que também não era remunerado. Continuamos a buscar outras pessoas para o projeto, quando uma amiga minha de colégio indicou a prima dela, D. Ruth



Maria Luiza Barbosa de Oliveira, ao lado de Elizabeth Serra, em visita à sede da FNLIJ.

Villela Alves de Souza, que era bibliotecária com especialização em literatura infantil feita nos Estados Unidos, e teve um papel importantíssimo na idealização da FNLIJ. D. Ruth deu a ideia de pedirmos às editoras que enviassem seus livros infantis para fazer a biblioteca da Fundação, que também recebeu o acervo de literatura infantil do CBPE, quando a instituição foi para Brasília, e este foi o início da biblioteca que temos hoje. Passamos a nos reunir em uma sala cedida pelo CBPE, com uma secretária, e fizemos os estatutos, tudo realizado com a orientação do Dr. Péricles, que chamou um advogado, Dr. Guido Ivan de Carvalho, assessor jurídico do MEC, para nos ajudar. Nas primeiras reuniões ficou decidido que a Fundação seria dirigida por um Conselho Superior formado por representantes das entidades instituidoras. Em 23 de maio de 1968, a instituição foi registrada como Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, de modo que, em setembro o Conselho Superior elegeu o primeiro Conselho Diretor da FNLIJ, formado por Laura como Diretora executiva, eu, Maria Luiza Barbosa de Oliveira como Diretora secretária e o Paulo Adolfo Aizen, da editora Ebal, como Diretor tesoureiro.

Logo Dona Ruth sugeriu a criação de um informativo, para registrar as ações da nova entidade e assim surgiu o *Boletim Informativo*, que também acompanhava tudo sobre literatura para crianças e jovens no país e também discutia temas teóricos sobre o assunto.

O que aconteceu com o CBPE?

Em 1976, a sede do Inep foi transferida para Brasília e, no ano seguinte, o CBPE foi extinto, marcando o fim do projeto de Anísio Teixeira. A FNLIJ deixou a sede que ocupava desde sua criação e fomos recebidos pelo Ministério de Educação e Cultura, por intermédio da Delegada Regional do MEC, Profª. Mônica Rector. Fomos para a sala 508, no quinto andar. Hoje a FNLIJ continua seu trabalho, instalada no 12º andar.



ANÍSIO TEIXEIRA

Nascido na cidade de Caetité, Bahia, em 12 de julho de 1900, Anísio Teixeira formou-se em Direito, na antiga Faculdade de

Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade do Rio de Janeiro, em 1922. No final dos anos 30, fez o mestrado de Filosofia da Educação na Universidade de Columbia, em Nova York. Sua carreira como educador começou em 1924, como inspetor-geral do ensino da Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública, em Salvador. Em 1931, já no Rio de Janeiro, assumiu o cargo de diretor-geral do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal, em seguida, como Secretário de Educação, criou a Universidade do Distrito Federal. Fundou, em março de 1932, o Instituto de Educação que integrou a antiga escola normal com o jardim de infância, primário e secundário em um único estabelecimento. Escreveu, então, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, redigido por Fernando de Azevedo, que preconizava a educação pública, universal, gratuita e laica. Pediu demissão do cargo em 1935, por motivos políticos e durante o Estado Novo dedicou-se a atividades de mineração, ligadas à família, além de traduzir livros da Editora Nacional. Viajou a Londres em 1946, para assumir o cargo de conselheiro de educação superior do recém-criado Programa das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura -Unesco. Ao retornar ao Brasil em 1947, é convidado para o cargo de secretário de Educação e Saúde da Bahia, onde fundou o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, conhecido como Escola-Parque, que procurava oferecer à criança uma educação ativa e integral, cuidando desde sua alimentação até a preparação para o trabalho e a cidadania. Esse modelo, inédito na educação brasileira, era tão inovador que foi considerado parâmetro internacional divulgado pela Unesco em outros países e serviu de modelo para o plano educacional de Brasília.

Retornou ao Rio de Janeiro em 1951 e assumiu a Secretaria-Geral da Comissão de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior Capes, hoje Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior. Em 1952, assume o cargo de diretor do Inep – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, quando introduziu a contribuição das ciências sociais para pesquisa em educação, ou seja, não acreditava ser possível fazer educação sem pesquisar em profundidade as realidades do país e as necessidades do mercado de trabalho. O Professor Anísio permaneceu nos dois cargos até o ano de 1964, quando foi afastado de suas funções pelo governo militar e viajou para proferir conferências em universidades americanas, retornando em 1965 para continuar atuando como membro do Conselho Federal de Educação até 1968. Anísio Teixeira morreu em março de 1971 no Rio de Janeiro, deixando como legado a luta por uma educação de qualidade gratuita e democrática, que privilegiava não só a escola, como também a biblioteca.



D. Ruth Villela, Maria Luiza Barbosa de Oliveira e Laura Sandroni, fundadoras da FNLIJ, comemorando os 25 anos da instituição.



Estande FNLIJ

52ª Feira de Bolonha

A edição de 2015 da Feira do Livro de Bolonha, de 30 de março a dois de abril na Itália, levou mais uma vez editores, escritores e ilustradores brasileiros para o principal evento de livros para crianças do mundo. A FNLIJ, com apoio do Itamaraty e das editoras Biruta, Cosac Naify, Geração Editorial, FTD, Mercuryo Jovem e Moderna/Salamandra, presentes do estande da instituição, marcou presença entre os 1.200 expositores de 77 países. Para o envio dos livros que compõe seu catálogo, a Fundação teve o apoio da Câmara Brasileira do Livro.

A FNLIJ destacou em seu estande as sete editoras presentes por meio de um grande painel, que apresentou os livros ganhadores do Prêmio FNLIJ de cada uma a partir do ano 2000, homenageando a rica produção literária brasileira. O estande recebeu muitos visitantes e acolheu diversas reuniões de negócios das editoras participantes, além de escritores e ilustradores que frequentam cada vez mais a Feira de Bolonha.

Impossibilitado de comparecer à feira, o ilustrador Roger Mello teve sua obra muito festejada no evento. Como vencedor do Prêmio Hans Christian Andersen/IBBY de 2014, Roger mereceu uma exposição individual, além de ter sido o autor da capa do catálogo *Annual* de 2015 e da ilustração que está na capa da programação das atividades que acontecem fora do espaço da feira, distribuída por toda a cidade. A palestra *Meeting with Roger Mello* (Encontro com Roger Mello), sobre o trabalho do ilustrador, teve lugar no Café dos Ilustradores, com Maria Jesus Gil da Fundação SM e presidente do júri do Prêmio HCA de 2014, que conduziu o debate; Elizabeth Serra, Secretária Geral da FNLIJ; Faniel Hanan Diaz, escritor venezuelano também membro do júri e Jochen Weber, da Biblioteca Internacional da Juventude de Munique, o primeiro local a abrigar uma exposição do ilustrador no exterior. Ao final da palestra, foi apresentado o vídeo que fez parte da exposição *Roger e seus jardins*, criada pela Arco

Arquitetura e Produções - Heloisa Alves, Sergio Murilo Carvalho e Pedro Cunha - e com design gráfico do Estúdio Versalete - Christiane Mello e Maíra Lacerda, para o 16º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, com tradução simultânea para o italiano.

Este ano, o catálogo FNLIJ's Selection não pôde ser distribuído no estande. Por problemas na alfândega, os catálogos chegaram ao final da feira. Os poucos exemplares levados em mãos, despertaram interesse editores, que receberam via correio, do Brasil, em seus escritórios. Como em todas as edições, ao término do evento a FNLIJ doou os livros expostos de seu catálogo à *Internationale Jugendbibliothek* - IJB - Biblioteca Internacional da Juventude, maior biblioteca de literatura infantil e juvenil do mundo, localizada em Munique, na Alemanha. Os outros livros do estande foram cedidos para a Embaixada do Brasil em Roma para Samanta Muraro, do Projeto Gamelagem - Escolas, em Maputo, Moçambique. Este ano, algumas editoras presentes no estande da Câmara Brasileira do Livro - CBL, localizado em frente ao estande da FNLIJ, também participaram da doação de livros.

Como tradição, a FNLIJ recebeu convidados para o jantar de adesão durante o evento. O jantar teve lugar na Trattoria Trebbi e contou com a presença de Adilson José Miguel e Carla Branco (SM), Carolina Maluf (Biruta), Ceciliane Alves (FTD), Clara Haddad, Diego Drumond (editor), Dosh Manzano (CBL), Elizabeth Serra (FNLIJ), Erivan Gomes (Cortez), Gilsandro Sales (Editora do Brasil), Glair Arruda (FTD), Julia Schwarcz (Cia das Letras), Karine Pansa (CBL), Laurent Cardon (ilustrador), Manuel Filho (escritor), Mara Cortez (Cortez), Maria Eugênia (Dash Editora), Mell Brittes (Cia das Letras), Otávio Júnior (autor), Rodrigo Paiva (Editora Mauricio de Sousa), Rosa Visconti Kono (FTD), Sérgio Alves (Editora Mauricio de Sousa), Sidney Gusman (Editora Mauricio de Sousa), Sílvia Cesar Roveiro (Dash Editora) e Simone Paulino (autora).



Crianças na Livraria Internacional, aberta ao grande público.



Painel com os livros vencedores do Prêmio FNLIJ das sete editoras presentes no estande da FNLIJ.



Coleção de selos estampados com a capa dos títulos brasileiros editados na China.

IBBY

Na conferência de imprensa do IBBY, que acontece no primeiro dia da Feira de Bolonha, foi anunciado o vencedor do leilão da obra do Roger Mello. Mais uma vez, a Ilha de Nami prestigiou o trabalho de Roger, arrematando a ilustração, cujo lance reverteu para o IBBY *Children in Crisis Fund* (Fundo IBBY Crianças em Crise). A conferência também contou com a presença da escritora Marwa Al Aqroubi, criadora da mensagem do DILI (Dia Internacional do Livro Infantil) de 2015 *Muitas Culturas Uma História*, vinda da seção nacional do IBBY dos Emirados Árabes Unidos.

Prêmio HCA

A presidente do Júri do Prêmio Hans Christian Andersen, Patricia Aldana, anunciou os dez membros do júri da premiação de 2016, selecionados pelo Comitê Executivo da instituição a partir das indicações feitas por suas seções nacionais. Os jurados são: Kirsten Bystrup, bibliotecária da Dinamarca; Reina Duarte, editora da Espanha; Andrej Ilc, editor da Eslovênia; Yasmine Motawy, professor universitário no Egito; María Beatriz Medina, Diretora Executivo do Banco del Libro/IBBY Venezuela; Lola Rubio, Secretária Acadêmica da Alija/IBBY Argentina; Susan M. Stan, professora universitária nos Estados Unidos; Qing Wu, ex-professor universitária da China e Shohreh Yousefi, gerente de educação pré-escolar e editor do Irã. Indicada pelo IBBY Cuba, Dolores Prades, editora, foi também eleita para o júri. A FNLIJ, como IBBY Brasil, indicou a professora e especialista Marisa Lajolo, mas não foi escolhida. Também participaram do júri, sem direito a voto, Elda Nogueira,

brasileira residente na França, mais uma vez representando o presidente do IBBY, e a inglesa Liz Page, diretora executiva do IBBY.

IBBY China

Em uma importante ação cultural, a seção IBBY da China, representada pelo vice-presidente da entidade, Mingzhou Zhang, vem, há alguns anos, entrando em contato com os ganhadores do Prêmio Hans Christian Andersen, por meio das seções IBBY de cada um, com o objetivo de publicar seus livros na China. Do Brasil, os autores editados foram Ana Maria Machado e Roger Mello, que também ilustrou o livro *A Feather*, do escritor chinês Cao Wenxuan. Para celebrar a publicação das obras dos escritores e ilustradores premiados pelo HCA, foi criada uma coleção de selos estampados com a capa dos títulos editados.

A Feira

A 52ª edição da Feira de Bolonha trouxe várias novidades e comemorações. O evento celebrou com exposição e fotos o aniversário de 50 anos do Prêmio Bologna Ragazzi, de grande importância no setor e que reconhece o melhor projeto gráfico e editorial para livros infantis. A feira recebeu mais de 35 mil visitantes, incluindo ilustradores, autores, expositores, professores e participantes de 98 países do mundo e registrou um aumento de 10% na presença de estrangeiros.

Novidades

A organização da Feira deu continuidade à política de abertura do evento para o grande público, que no ano passado criou um espaço com livreria de livre acesso para os novos visitantes. Para 2015, além

da permanência da Livreria Internacional, onde os visitantes podiam escolher entre os mais de 15 mil títulos de todo o mundo expostos para leitura, a Feira de Bolonha foi precedida pelo *Weekend for Young Readers* (Final de semana para jovens leitores) nos dias 28 e 29 de março, quando o evento reservou uma entrada especial para o grande público. A Livreria Internacional teve como atração a exposição de 150 anos de *Alice no País das Maravilhas*, onde a obra de Lewis Carroll foi representada por uma seleção das edições mais famosas ilustradas por grandes artistas, desde John Tenniel, até as versões contemporâneas de Anthony Browne, Nicole Claveloux, Helen Oxenbury e Lisbeth Zwerger.

Mais de 22 mil pessoas, entre crianças, jovens e famílias, estiveram presentes no *Weekend for Young Readers* e puderam percorrer também a área das exposições, na entrada da feira, apreciando pela primeira vez todas as mostras do evento.

Este ano houve mudança na diretoria da Feira de Bolonha, cabendo a Elena Pasoli o cargo de diretora, com assessoria de Roberta Chinni, que estava na direção até 2014.

Exposições

EXPOSIÇÃO DOS ILUSTRADORES – a mostra com o melhor da ilustração internacional contou com 76 ilustradores de 22 países. O júri internacional, composto por Benjamin Chaud, ilustrador e escritor francês; Svjetlan Junaković, pintor, ilustrador e escultor da Croácia, Charles Kim, editor associado do Museu de Arte Moderna, EUA; Paola Parazzoli, editora italiana e Ulla Rhedin, especialista da Suíça, recebeu trabalhos de quase três mil ilustradores vindos de 62 países. O catálogo Annual, importante fonte de



Catálogo Annual com capa de Roger Mello



Exposição Roger Mello

referência para editores, escritores, ilustradores e todos os interessados em LIJ, teve sua capa ilustrada por Roger Mello, como ganhador do prêmio HCA de 2015, e contou com uma entrevista do ilustrador brasileiro.

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL DE ROGER MELLO – como é tradição na Feira de Bolonha, o vencedor do Prêmio Hans Christian Andersen de 2014 ganhou uma exposição de sua obra durante o evento, que exibiu 24 ilustrações de Roger. Catarina Sobral, ilustradora portuguesa vencedora do Prêmio da Fundação SM, também mereceu uma exposição individual da sua obra.

EXPOSIÇÃO DE 50 ANOS DO PRÊMIO BOLOGNARAGAZZI – Uma das principais premiações do setor, desde 1966, reconhece o melhor projeto gráfico e editorial em quatro categorias para livros de crianças de todo o mundo. Para comemorar os 50 anos, uma exposição apresentou os livros mais significativos, acompanhada por um painel com os vencedores e indicados de todas as edições.

EXPOSIÇÃO DA CROÁCIA – dentro do tema *Living Waters, Living Stories*, o país convidado de 2015 apresentou três belas exposições: a mostra *Aquamarine Selection*, com seleção de artistas contemporâneos, acompanhada de um belo catálogo, a exposição *Living Waters, Living Traces*, que uniu escritores e ilustradores de diferentes períodos e estilos trabalhando com imagens e histórias da água viva, e a mostra individual do artista Svjetlan Junakovic.

EXPOSIÇÃO DA BIENAL DE ILUSTRAÇÕES BRATISLAVA – a exposição *História BIB 1967-2015* revelou uma seleção de fotografias com os cinquenta anos de história da bienal. Dentre as inúmeras fotos de ilustradores de todo o mundo, foram encontradas imagens de Ana Raquel, Regina Yolanda e Rui de Oliveira, alguns dos muitos brasileiros que participaram em diferentes momentos da bienal. Como parte da programação, também foi preparada uma mostra sobre a história do BIB e os preparativos para a 25ª edição de jubileu da Bienal de Ilustrações Bratislava 2015 no Café do Autor, que incluem uma exposição de Roger Mello, como vencedor do HCA.

Programação

A programação para os profissionais do setor de publicação livros para crianças contou com 166 atividades na Feira, incluindo oficinas, reuniões e leituras com os autores, seminários sobre a publicação tradicional e digital, mercado e cursos de formação em diversas áreas para profissionais do livro. Mais de 12.000 participantes assistiram às sessões na Feira e nos vários espaços.

A Feira de Bolonha demonstrou a força do livro impresso, expondo um imenso volume de títulos publicados, provando que o digital não entra em confronto com o objeto livro, havendo espaço para a convivência de ambos. O evento apresentou livros de grande qualidade, destacando, como sempre, a ilustração. Os países do leste europeu vêm ganhando espaço no mercado internacional, evoluindo dentro da literatura infantil e juvenil,

como foi demonstrado pela Croácia durante a Feira.

Prêmios

O Prêmio Bologna Ragazzi completou 50 anos e credita seu sucesso ao papel fundamental dos editores que apresentam o melhor de sua produção a cada ano, garantindo assim a excelência das obras em competição. A premiação de 2015 reuniu candidatos em quatro categorias, escolhidos entre 1250 títulos de 42 países, cujas inscrições foram feitas pelas editoras que têm seus estandes expostos na feira. Entre os ganhadores está *Abecedario*, de Ruth Kaufman & Raquel Franco / Diego Bianki, publicado pela Pequeno Editor (Diego Bianchi) da Argentina, na categoria Novos Horizonte.

O PRÊMIO ALMA ASTRID LINDGREN MEMORIAL AWARD concedido pelo governo sueco em homenagem à memória da escritora sueca Astrid Lindgren e voltado para escritores, ilustradores e projetos de promoção da leitura, foi anunciado durante a Feira de Bolonha por meio de transmissão ao vivo da Suécia. O vencedor foi a Praesa - Project for the Study of Alternative Education in South Africa (Projeto de Estudo da Educação Alternativa na África do Sul), organização que tem trabalhado na promoção da leitura e literatura para crianças e jovens na África do Sul desde 1992.

Feira de Bolonha 2016

A 53ª edição da Feira do Livro Infantil de Bolonha vai acontecer de 4 a 7 de abril de 2016, tendo com o país convidado a Alemanha.

Ilustradores brasileiros na 25ª BIB – 2015

A FNLIJ divulgou em seu site a lista dos ilustradores que selecionou para a Bienal de Ilustração da Bratislava - BIB, que acontece na capital da Eslováquia de quatro de setembro a 25 de outubro.

Retornando a parceria com a BIB, a FNLIJ convocou os ilustradores interessados em participar da exposição da bienal a enviar seus títulos publicados entre 2013 e 2015, para seleção das obras. A Fundação recebeu livros de 50 ilustradores, dos quais nove foram selecionados.

25ª Bienal de Ilustração da Bratislava

A BIB é uma importante mostra competitiva que reúne ilustradores de todo o mundo, apresentando ilustrações originais de livros para crianças e jovens. Com organização da BIBIANA, instituição cultural de atividade internacional da Eslováquia, o evento também recebe apoio do Ministério da Cultura do país, da Unesco e do International Board on Books for Young People – IBBY.

Em 2015, a BIB comemora 50 anos do evento, que teve início em 1965 como uma exposição nacional na antiga Checoslováquia, chamada Ilustração para Crianças Bratislava, fundada pelo escritor Dušan Roll, Presidente do IBBY de 1986-90, pelos ilustradores Miroslav Cipár e Albín Brunovský, além de outros entusiastas da ilustração de livros infantis. O objetivo dos fundadores era oferecer a oportunidade para ilustradores apresentarem o melhor da arte de países com tradições na cultura do livro e da ilustração infantil para especialistas mundiais e editores, além de atrair a atenção das crianças para o livro e a literatura. Na edição de 1967, já com o nome Bienal de Ilustração da Bratislava, o evento ganhou alcance internacional e recebeu 320 ilustradores de 25 países.

É importante ressaltar que a parceria entre a BIB e o IBBY, desde o início do evento, aconteceu em um momento de grandes dificuldades de comunicação, em um mundo não globalizado, principalmente para um país que fazia parte do bloco comunista, valorizando ainda mais o pioneirismo das ações em prol da divulgação da literatura infantil e juvenil na época.

O júri internacional da mostra competitiva é formado por seis a doze membros, dentre teóricos da arte, ilustradores, editores e bibliotecários, de vários países, continentes e culturas. A premiação é dividida em 11 categorias, o Grand Prix BIB, cinco BIB Golden Apples e cinco BIB Plaques. O júri também pode atribuir uma Menção Honrosa a uma editora, por realizações notáveis. O ilustrador vencedor do Grand Prix BIB terá exposição individual na próxima edição da bienal e participará do júri internacional BIB.

Além da exposição dos ilustradores, a BIB também apresenta uma mostra individual dos ganhadores do Prêmio Hans Christian Andersen. Este ano o ilustrador Roger Mello terá sua obra exposta na Bienal, ao lado da vencedora da categoria escritor, a japonesa Nahoko Uehashi. Outra exposição que faz parte do evento homenageia um autor eslovaco falecido, por sua contribuição para o desenvolvimento da arte da ilustração

na Eslováquia. A bienal também tem em sua programação o Simpósio BIB, que acontece no início do evento e o BIB-Unesco Workshop de Albín Brunovský, para jovens ilustradores de países em desenvolvimento, criado em cooperação com a Academia de Belas Artes e Design de Bratislava, que já recebeu vários ilustradores brasileiros indicados pela FNLIJ. Na edição de 2015 será a vez da ilustradora Janaina Tokitaka participar do workshop.

A BIB chega à sua 25ª edição somando um total de 7225 ilustradores de 109 países, que apresentaram 57.434 ilustrações originais e mais de 9.000 livros. Para comemorar o marco, foi organizada a exposição fotográfica das 24 edições da bienal, *História BIB 1967-2015*, com fotos de ilustradores de todo o mundo participando das mostras competitivas, palestras e oficinas. Na Feira de Bolonha, a BIB apresentou a exposição que contava, entre inúmeras fotos, com imagens de ilustradores brasileiros presentes na bienal em diferentes épocas, como Ana Raquel, Regina Yolanda e Rui de Oliveira.

Ilustradores brasileiros selecionados para a 25ª Bienal de Ilustração de Bratislava

Ilustrador: Roberto Stickel
Título: *O Astronauta do Mar* – Alexandre Azevedo
Editora: Dash
Ano: 2014

Ilustrador: Victor Tavares
Título: *Uma ilha a mil milhas daqui* – Jonas Ribeiro
Editora: Editora do Brasil
Ano: 2014

Ilustrador: William Côgo
Título: *Bichos de lá e cá* – Lia Neiva
Editora: Nova Fronteira
Ano: 2014

Ilustrador: Rogério Borges
Título: *As cores da escravidão* – Ieda Oliveira
Editora: FTD
Ano: 2013

Ilustrador: Laurent Cardon
Título: *Histórias Africanas* – Ana Maria Machado
Editora: FTD
Ano: 2014

Ilustrador: Alexandre Keto
Título: *Num tronco de Iroko vi a Iúna cantar* – Erika Balbino
Editora: Peirópolis
Ano: 2014

Ilustradora: Patricia Auerbach
Título: *O Lenço* – Patricia Auerbach
Editora: Brinque-Book
Ano: 2014

Ilustrador: Marcelo Pimentel
Título: *Estórias Jabuti* – Marion Villas Boas
Editora: Rovelle
Ano: 2013

Ilustrador: Maurizio Manzo
Título: *Isca de pássaro é peixe na gaiola* – Antonio Barreto
Editora: Miguilim
Ano: 2013

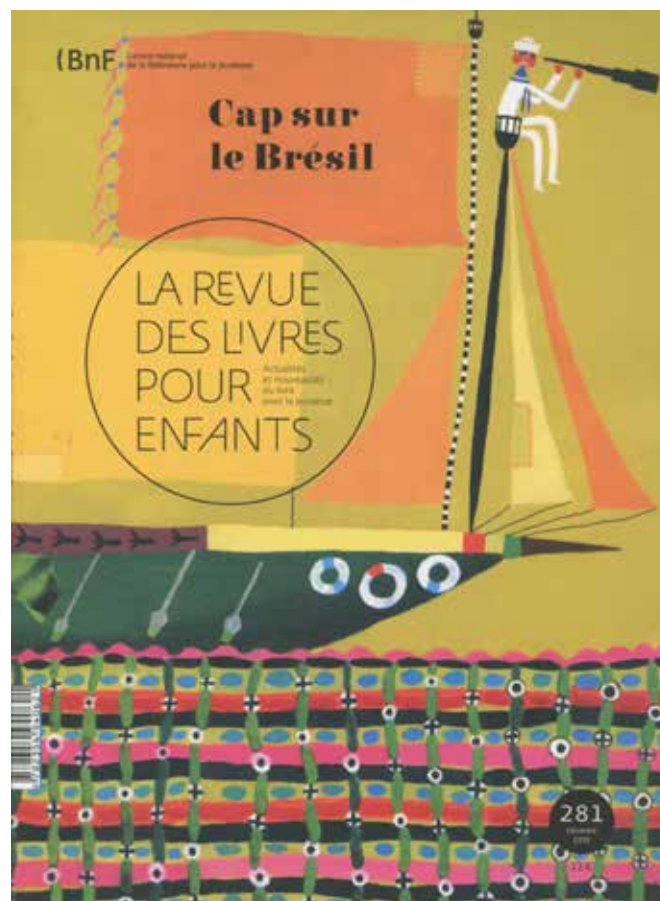
IBBY francês destaca a LIJ brasileira após o Salão do Livro de Paris

A seção francesa do IBBY La Joie par les livres/BnF (Biblioteca Nacional da França)/Centro Nacional de Literatura da Juventude organizou o seminário *16eme Journée des livres en V.O.: le Brésil - A la découverte de la littérature de jeunesse brésilienne* (16ª Jornada do livros em v.o.: Brasil - Descobrimo a literatura infantil brasileira), homenageando o Brasil, país convidado do Salão do Livro de Paris de 2015.

O seminário, que é programado todos os anos, apresenta a literatura e a produção editorial para crianças e jovens do país convidado do Salão do Livro de Paris e aconteceu no dia 24 de março, após o salão, na Fundação Calouste Gulbenkian, também em Paris.

La Joie par les livres também destacou a literatura infantil e juvenil brasileira por meio de sua publicação *La Revue des livres pour enfants* na edição de fevereiro deste ano, com capa de Roger Mello, da ilustração do seu livro *Nau Catarineta*. A seção *Dossier* com o título *Cap sur le Brésil* (Foco no Brasil) foi dedicada à literatura infantil e juvenil brasileira e apresentou entrevistas com Ana Maria Machado e Roger Mello, um pequeno dicionário de escritores e ilustradores brasileiros, com agradecimento à Elizabeth Serra da FNLIJ pela cooperação no dossier, além de uma lista de 148 livros brasileiros disponíveis em francês e outros artigos sobre brasileiros.

A FNLIJ foi convidada a participar do seminário por Hasmig Chahinian, vice-diretora da seção francesa do IBBY, de origem libanesa, que tem realizado trabalho de divulgação da literatura árabe na França. Hasmig organizou o evento com muita dedicação, obtendo sucesso ao oferecer palestras de excelente qualidade para a audiência. O seminário também contou com a presença do diretor do La Joie par les livres, Jacques Vidal-Naquet. Elizabeth Serra, Secretária Geral da FNLIJ, representou a entidade na primeira mesa da programação *La littérature pour la jeunesse et la lecture au Brésil : histoire, contexte, perspectives* (A Literatura Infantil e a Leitura no Brasil: história, contexto, perspectivas). Elizabeth falou sobre o trabalho da Fundação, a participação brasileira na Feira de Bolonha e nas edições em que o Brasil foi o país convidado, sobre o Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, que já homenageou a França em 2009, e apresentou um pequeno histórico da cultura escrita brasileira, além abordar a obra de Monteiro Lobato e a histórica da literatura infantil brasileira através dos tempos, ressaltando a importância da biblioteca da escola como principal local de acesso democrático à leitura de literatura infantil e juvenil. Elizabeth falou também sobre a influência do politicamente correto na LIJ, que toma, por vezes, a forma de censura.



A segunda mesa do seminário foi *L'illustration au Brésil à travers l'oeuvre de Roger Mello et de 10 autres créateurs* (A ilustração no Brasil por meio do trabalho de Roger Mello e 10 outros designers), com apresentação muito cuidadosa e aprofundada sobre o trabalho dos ilustradores brasileiros por Nathalie Beau, ex-diretora da La Joie par les livres e ex-membro do Comitê Executivo do IBBY.

Rencontre avec Ana Maria Machado (Encontro com Ana Maria Machado) teve presença da escritora brasileira e de Hasmig Chahinian, que estudou atentamente a obra da escritora, conduzindo uma entrevista que encantou a todos.

A programação também contou com a leitura do livro João por um Fio de Roger Mello, da Companhia das Letrinhas; e as palestras: *Les services aux enfants et l'accueil des publics jeunesse dans les bibliothèques au Brésil* (Serviços para crianças e jovens em bibliotecas públicas no Brasil), com Mônica de Figueiredo Behague, produtora cultural, da Biblioteca Parque da Rocinha, Rio de Janeiro; *“Portugal, Brésil, un mariage parfumé” : des malles d’albums pour des lectures bilingues* (“Portugal, Brasil, um casamento perfumado”: baús de livros para leituras bilíngues), com Giulia Camin, da Biblioteca de mídia de Seine-et-Marne; *Quelle place pour les livres portugais en France ?* (Qual é o lugar para os livros em português na França?), com Michel Chandeigne, da Livraria Chandeigne, especializada em livros na língua portuguesa; *Rencontre avec Daniel Munduruku* (Encontro com Daniel Munduruku), apresentada por Elizabeth Serra sobre a obra do escritor que não pode estar presente, e *Image du Brésil dans la littérature française pour la jeunesse (portail France-Brésil)* (Imagem do Brasil na Literatura infantil francesa (portal França-Brasil)), com Régine Piersanti, da BnF.

A audiência teve a presença de franceses interessados em Literatura Infantil e Juvenil, como a antropóloga, pesquisadora e especialista em leitura Michèle Petit, o escritor cubano que vive na França Joel Franz Rosell, ambos com livros publicados no Brasil e a bibliotecária Geneviève Patte, que esteve várias vezes no Brasil e, em 2012, participou do 14º Salão do Livro para Crianças e Jovens, para lançar seu livro *Deixem que leiam*, da editora Rocco. Também estiveram presentes brasileiros residentes na França e Cristina Figueiredo, do projeto *Livros nas Praças*, vinda do Rio de Janeiro para o evento.

Elizabeth Serra foi convidada a conhecer a sede do IBBY francês, que está localizada na Biblioteca Nacional da França, onde almoçou com o diretor Jacques Vidal-Naquet e Hasmig Chahinian. Durante a visita, Elizabeth oficializou um intercâmbio das publicações *La Revue des livres pour enfants* e o *Notícias FNLIJ* entre as duas instituições.

Salão do Livro de Paris

Como em 1998, o Salão do Livro de Paris de 2015 teve o Brasil como país convidado, que ofereceu ao público francês a diversidade da cultura e a universalidade da literatura brasileira. Uma delegação de 45 autores brasileiros esteve presente ao evento de 20 a 23 de março para apresentar palestras e refletir sobre a nossa produção intelectual contemporânea. O estande brasileiro foi bastante procurado, abrigando debates e recebendo muitos visitantes durante todos os dias Salão.

Os autores de LIJ que estiveram no evento, a escritora Ana Maria Machado e a ilustradora e escritora Angela Lago participaram da mesa *Et Patati et patata! La littérature jeunesse brésilienne* (E patati e patatá! A literatura infantil brasileira), além da escritora Marina Colasanti, que teve fala em *Le Brésil dans l'essai et la poésie* (O Brasil no ensaio e poesia). Elizabeth Serra visitou o Salão no último dia e acompanhou Ana Maria Machado no lançamento da edição francesa do livro *O Mar Nunca Transborda*, da Editora des Femmes, especializada em literatura feminina, que também já publicou obras de Clarice Lispector e Nélide Piñon.



Hasmig Chahinian e Ana Maria Machado.



Hasmig Chahinian e Elizabeth Serra.



Angela Lago, Ana Maria Machado e Michel Laub autografando no Salão do Livro de Paris.

Marisa Lajolo toma posse na Academia Paulista de Educação



Aconteceu no dia nove de abril, no Espaço Sócio Cultural do Teatro CIEE, a solenidade de posse da escritora e professora Marisa Lajolo na Academia Paulista de Educação. Marisa, que também é curadora do Prêmio Jabuti, vai ocupar a cadeira número 26, cujo patrono é Padre José de Anchieta e teve como antecessor o acadêmico Luiz Contier.

A Academia Paulista de Educação – APE foi fundada em 1970 com o objetivo de ser uma instituição atuante e presente na vida educacional de São Paulo e do Brasil. Seguindo o modelo das academias tradicionais, a APE é formada por 40 cadeiras, cada uma com seus respectivos patrono e titular, este eleito em Assembleia Geral, quando da ocorrência de vaga.

O *Notícias FNLJ* reproduz abaixo o discurso de posse de Marisa Lajolo, gentilmente cedido pela professora.

Boa noite a todas e a todos.

Na figura do Presidente da Casa – o Prof. Paulo Nathanael Pereira de Souza- saúdo meus novos companheiros e companheiras, bem como todas as autoridades presentes.

Na figura da Prof. Márcia Ligia Gudin, saúdo e agradeço o entusiasmo compartilhado por livros e por leituras, sem dúvida matéria prima da educação de qualidade.

Aos meus ex-companheiros de Conselho Estadual de Educação e agora confrades nesta Academia- Profa. Bernadete Gatti, Prof. Sonia Therezinha Penin, Prof. Francisco Aparecido Cordão, Prof. João Gualberto de Carvalho Menezes, Prof. Nacim Walter Chiecco e particularmente à querida Professora Rose Neubauer - meu abraço de reencontro

E, em memória do Professor Luiz Contier (1915 - 29.06.2013), a quem tenho a honra de suceder na cadeira de número 26 desta Academia Paulista de Educação, saúdo a todos os educadores paulistas.

Na esteira do patrono desta cadeira – o Pe. José de Anchieta (1534 – 1597) – torna-se emblemático e promissor o fato de a criação de nossa cidade e de nosso Estado ter se efetuado a partir e em torno de um colégio. São Paulo é o Pátio do colégio.

No quadro do pintor praiano Benedito Calixto (1853 – 1927), que ilustra a medalha desta Casa, o Pe. José de Anchieta é representado na beira-mar onde, como reza a lenda, teria escrito seus versos a Virgem Maria. Como o hoje canonizado jesuíta espanhol, o Prof. Luiz Contier exerceu seu ofício de educador em muitos e diferentes cenários.

O centenário de seu nascimento, que se celebra neste ano, fartamente documentado no Centro de Memória da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, marca uma vida

extremamente representativa do percurso de um educador brasileiro de seu tempo.

Em dezenas de salas de aula, entre lousas e giz, carteiras e mapas, na capital e no interior de nosso Estado, as marcas lá deixadas pelo Prof. Luiz Contier fazem eco às vozes das centenas de estudantes, aos quais ele ensinou Francês, Português e Latim.

Dedicando-se à educação brasileira – particularmente à educação paulista, o Prof. Luiz Contier ocupou diferentes posições, dentre as quais destaco sua atuação em sala de aula.

Foi professor em escolas públicas, na capital e no interior (Taquaritinga, Sorocaba, Itapira, São Carlos, Catanduva) e em escolas particulares (Colégio São Luís, Colégio Des Oiseaux, Colégio Stafford). Em todos estes lugares e estabelecimentos, lecionou disciplinas para as quais o habilitou o curso de Letras Neo Latinas que cursou na Universidade de São Paulo.

Com sólidas relações acadêmicas com a França, seu magistério de Língua, Cultura e Literatura francesa prolongou-se na fundação, por volta de 1947, da Associação de Professores de Francês do Estado de São Paulo. Vem também da França, através de estágio lá realizado, sua familiaridade com novos formatos de organização escolar – as classes experimentais – que aqui implantou e multiplicou a partir de experiência pioneira no Instituto de Educação Alberto Comte.

Deve-se, no entanto, à sua experiência como formado pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo sua contribuição maior a instâncias centrais da educação paulista. Destaca-se seu empenho na hoje cada vez mais necessária formação – inicial, continuada e permanente - de professores. Formação de professores de todos os graus. Neste projeto, o Prof. Luiz Contier envolveu-se de corpo e alma, através da criação do Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo, onde tive a alegria de ver estudar minha filha çaçula – a hoje Doutora Camila Lajolo. Tenho certeza de que colégios de aplicação são tão essenciais na formação de educadores quanto laboratórios e hospitais na formação de médicos.

É nesse trânsito, das Letras para a Educação, que os caminhos do Prof. Luiz Contier cruzam-se com os caminhos da figura do patrono desta Cadeira, o Pe. José de Anchieta.

Sacerdote, poeta e professor, o Pe. José de Anchieta era poliglota. É autor de uma *Arte de gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*, obra sobre a língua Tupi. Este livro com certeza foi um dos primeiros livros didáticos registrados na história da educação brasileira. Há documentos de sua utilização em 1556, no Colégio da Bahia, provavelmente em edição ainda manuscrita, uma vez que sua primeira edição, em Coimbra, data de 1595.

No mesmo ano de 1556, há registros da circulação em *Campo de Piratininga* e em *São Vicente* de outra obra de José de Anchieta, o *Diálogo das coisas da Fé*.

A relação quinhentista entre educação, religião e domínio de línguas ressalta do parecer do censor do Santo Ofício (Agostinho Ribeiro) que, ao autorizar a publicação da gramática de José de Anchieta aponta que ela, *serviria muito para melhor instrução dos catecúmenos e aumento da nossa cristandade daquelas partes e para com mais facilidade e suavidade se plantar e dilatar nelas nossa Santa Fé*.

Ao tempo do Prof. Luiz Contier, a relação estreita entre Latim, Catolicismo e línguas nativas não mais constituía pedra de toque da educação, nem da paulista nem da brasileira.

A França, sua língua e sua cultura é que pairavam no horizonte brasileiro dos anos cinquenta. Como foi também francesa a Missão responsável pela fundação da Universidade de São Paulo nos anos 30 do século XX, onde se formou, e na qual e pela qual trabalhou o prof. Luiz Contier. Não custa registrar – para festejar a tão necessária e urgente aliança entre universidade pública e educação – a coincidência de ter sido recém-indicado para o Ministério da Educação o professor uspiano Renato Janine Ribeiro, indicação saudada por um sem número de educadores. Não custa também lembrar, no outro extremo do arco de instituições voltadas para a educação, que o Prof. Luís Contier foi um dos fundadores (e primeiro secretário) da APEOPESP – o órgão sindical dos professores paulistas.

Encerrando estas breves linhas, quero retomar a relação entre Letras, Humanidades e Educação, lendo o poema muito belo – ainda que por padrões contemporâneos polêmico com o qual o poeta Olavo Bilac (1865 – 1918) – no livro *Tarde*, de 1918 – celebra José de Anchieta:

ANCHIETA

Cavaleiro da mística aventura,
Herói cristão! nas provações atroz
Sonhas, casando tua voz às vozes
Dos ventos e dos rios na espessura:

Entrando as brenhas, teu amor procura
Os índios, ora filhos, ora algozes,
Aves pela inocência, e onças ferozes
Pela bruteza feras, na floresta escura

Semeador de esperanças e quimeras,
Bandeirante de entradas mais suaves,
Nos espinhos a carne dilaceras:

E, por que as almas e os sertões desbraves,
Cantas: Orfeu humanizando as feras,
São Francisco de Assis pregando às aves ...
Pois não é que a vida de professor oscila entre dois polos ...?
Não somos, às vezes, Orfeu humanizando as feras, e outras vezes
São Francisco de Assis pregando às aves?
Eu acho que somos ...

(*) *Em Bilac lê Anchieta que escreve o Brasil*, publicado em *Letterature d' America* (Rivista Trimestrale) Ano XVII-XVIII no. 73-74 1997/1998 p. 25-40 discuto este poema bilaciano.

Magda Soares recebe o prêmio Almirante Álvaro Alberto



A professora e pesquisadora de educação Magda Becker Soares, graduada em letras neolatinas e doutora em didática pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), recebeu no dia 5 de maio a mais importante honraria nacional do setor de ciência e tecnologia, o prêmio Almirante Álvaro Alberto, concedido anualmente pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCTI) a um pesquisador que tenha se destacado pela realização de obra científica ou tecnológica de grande valor para o progresso da sua área do conhecimento. A professora recebeu um diploma, uma medalha e R\$ 200 mil, valor concedido pela Fundação Conrado Wessel (FCW), além de viagem para a Amazônia em Navio de Assistência Hospitalar da Marinha do Brasil.

Pela primeira vez a láurea foi entregue a uma representante da área de educação. *Sinto o prêmio como reconhecimento da importância da educação nesse País, mais especificamente da área em que trabalho, que é a da alfabetização, do letramento e, sobretudo, da escola pública e da educação pública brasileira*, disse a vencedora, uma das fundadoras do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG e autora de diversas publicações, inclusive livros didáticos de língua portuguesa. A professora é membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, da International Literacy Association e atuou nos comitês assessores do CNPq e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/MEC).

Visite o site da FNLIJ e conheça suas publicações

A FNLIJ disponibiliza em seu site as publicações da instituição em PDF. Além de acompanhar as edições do Notícias FNLIJ, o visitante poderá fazer download dos catálogos de títulos selecionados para a Feira de Bolonha e das brochuras com as justificativas do Prêmio FNLIJ, entre outros.

Lista das publicações em PDF:

Notícias FNLIJ – edições a partir de 2005.

Catálogo Feira de Bolonha – edições a partir de 2009.

Justificativas do Prêmio FNLIJ - edições a partir de 2011.

Catálogo Brasil: Incontáveis Linhas, Incontáveis Histórias – acompanhou a exposição dos ilustradores brasileiros selecionados para Feira de Bolonha de 2014, quando o Brasil foi o país homenageado – em inglês.

Catálogo A Arte de Ilustrar Livros para Crianças e Jovens no Brasil – catálogo bilíngue que acompanhou a exposição

apresentada no 15º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens de 2013, com os artistas mais representativos da ilustração brasileira.

Brochura Prêmio FNLIJ 40 anos - lista dos livros premiados de 1974 até 2014.

Um Imaginário de Livros e Leituras – 40 anos da FNLIJ - livro que conta a trajetória da FNLIJ.

Bartolomeu Campos de Queiróz – Uma Inquietude Encantadora – homenagem ao escritor mineiro falecido em 2012, que apresenta trechos de entrevistas, do dossiê da FNLIJ enviado ao Prêmio Hans Christian Andersen, bibliografia e depoimentos de amigos.

Panorama LIJ Latino Americano – brochura contendo as apresentações dos representantes das seções IBBY da América Latina e do Caribe no Encontro Paralelo *Panorama da Literatura Infantil e Juvenil Latino Americana* do 15º Salão do Livro para Crianças e Jovens em 2013 – em espanhol.

movimento por um Brasil literário
*m*Brasil*lit*

Acesse www.brasilliterario.org.br e saiba mais



QUERO MINHA
BIBLIOTECA

Acesse www.euquerominhabiblioteca.org.br

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE – iBBY

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofícios Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; CosacNaify Edições Ltda; Difusão Cultural do Livro Ltda; Doble Informática Ltda; DSOP Educação Financeira Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Canguru; Editora Dedo de Prosa Ltda; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora GHV Ltda; Editora Globo S/A; Editora Guanabara Koogan Ltda; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafonte Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Mediação Distribuidora e Livraria; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Elementar Public.e Edit. Ltda - ME; Florescer Livraria e Editora Ltda; Frase e Efeito e Editorial Ltda; Fund.Cult. Casa Lygia Bojunga; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Gráfica Editora Stamppta Ltda; Hedra Educação Ltda; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Pallas Editora e Distribuidora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PwC; Publibook Livros Papeis S/A L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Editora Saraiva; SDS Editora de livros EIRELI; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Texto Editores Ltda – Leya; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2014-2017** Conselho Curador: Alfredo Gonçalves, Christine Castilho Fontelles, Celia Portella, Laura Sandroni, Leonardo Chianca e Wander Soares; Conselho Diretor: Isis Valéria (Presidente) e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Lemos; Suplentes: Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto; Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bernadete Boff, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Silvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio



Figuras no processo de escrever: O Mago, o Enforcado e o Louco, que chega de repente

1. Uma língua estrangeira

Sonhava em falar uma língua estrangeira, quando menina. Uma língua na qual daria ordens aos irmãos menores, ainda ignorantes de geografias, viagens. Alimentava vinganças, dessa maneira. Pois se diria a eles “vous devez préparer la table à manger”, “you must give water to the dog”, e a mesa continuaria sem pratos nem talheres, o cão de vasilha vazia. Os pais cobriam de mim a tarefa, eu diria, mas pedi a meus irmãos, estou terminando de fazer a comida. Boa menina que era, os irmãos julgados preguiçosos e rebeldes, e ágeis em me dar pancada na hora das brigas, receberiam a sua paga.

Cheguei à idade adulta sem dominar línguas estrangeiras. Nunca dei ordens forasteiras aos irmãos, até que um deles disse, não entendo o que você diz, quando escreve.

Olhei pra ele com espanto, e compreendi.

2. Uma língua contra: corpo para a alma humana

A literatura era a língua estrangeira que tanto busquei nas fantasias de criança. Não seria apenas uma fantasia pessoal, mas uma das representações habituais do escritor, aquele que não fala a língua comum. Na obra de Camus, Mersault é um alter ego que expressa a estranheza do autor em face de um mundo convencional e hipócrita. Para Ricardo Piglia, o escritor corporifica a voz de captura e resistência das narrativas que correm à boca pequena para dizer da revolta e do medo, da consciência e do assombro. Em *Tres propuestas para el próximo milenio* (y cinco dificultades), Piglia fala de uma narrativa que corria na Argentina, nos anos 1978, 79:

Se decía que alguien conocía a alguien que en una estación de tren del suburbio, desierta, a la madrugada, había visto pasar un tren con féretros que iba hacia el sur. Un tren de carga que alguien había visto pasar lento, fantasmal, cargado de ataúdes vacíos, que iba hacia el sur, en el silencio de la noche. [...] Esos féretros vacíos remitían a los desaparecidos, a los cuerpos sin sepultura. Y al mismo tiempo era un relato que anticipaba la guerra de las Malvinas. (PIGLIA, 2001, p. 26)

O escritor é quem sabe ouvir, o que está atento a essas narrações sociais, e que também é capaz de escrevê-las e de

imaginá-las (piglia, 2001, p. 25). Para fazer-se ouvir, por sua vez, precisa de uma língua diferente. Não fala a língua do Estado, que se sustenta em forças fictícias geradas pelas mentiras do poder, nem fala a língua anônima de todos. Necessita de uma língua contra, que suscite plena atenção exatamente porque é contrária ao habitual. Uma língua fantasmal?

Uma língua a extrair sentidos do inconsciente coletivo é o projeto de Ítalo

Calvino, na articulação de narrativas engendradas a partir das cartas de tarô. O escritor é então aquele que encorpa a alma humana. A “Nota”, ao final de *El castillo de los destinos cruzados*, permite ler essa intenção de modo muito claro (CALVINO, 1977, p. 137), mas o melhor lugar para ler essa representação está ao final da “Historia del alquimista que vendió su alma” :

- ¿Temes que nuestras almas caigan en manos del Diablo?
- habrían preguntado los de la Ciudad.
- No: que no tengáis alma que darle. (CALVINO, 1977, p. 34)

3. O mundo virado

A fortuna textual amealhada por escritores resulta da caça irresponsável que um dia fizeram em terrenos alheios. Se, como diz Michel de Certeau, o leitor é um nômade, o escritor constrói a morada ao lado do poço.

Nem sempre sabe que tem poço onde se instalou, mas sempre suspeita. Às vezes, acha que escolheu o lugar por outras razões que não a sede. Questões de ordem prática, certa ideia a martelar os miolos, a curiosidade que matou o gato. Assim se passou com Euclides da Cunha, jornalista que foi cobrir a guerra de Canudos com a premissa republicana a seu alcance. A missão encomendada era de confirmar o acerto da República, pintar os rebeldes como o diabo, abomináveis monarquistas, querendo o retrocesso político e social para o país. E compreendeu-os como desgraçados, infortunados visionários, sequiosos do direito à própria vida. Terá chegado a Canudos falando a língua do Estado, saiu de lá contando a história, como fazem os vencidos (PIGLIA, 2001, p. 29).

É a representação que nos dá o escritor Paulo Leminski, em “Gente do Conselheiro”. No conto, um sertanejo é interrogado por um sargento sob o olhar de Euclides, que pede ao militar para deixá-lo a sós com o prisioneiro. O sargento põe uma arma

sobre a mesa para que o tenente se defenda do homem mirrado, mas perigoso, caso haja necessidade. Euclides conversa com o homem, percebe que ele tem sede, vira-se para pegar o cantil, dar de beber a ele e, ao virar-se, vê as mãos livres do jagunço, a arma na direita apontada bem para sua barriga.

– E agora, tenente?, ele falou. O mundo virou, não virou?

Agora, eu faço as perguntas.

Fez mira e perguntou:

– Como é que você se chama?

O tenente deu um passo para trás e disse, “Euclides”.

– Euclides de quê?

– Da Cunha.

– Tenente Euclides da Cunha, eu só não lhe mato porque sei que vou morrer. E sabe por que não lhe mato? Porque eu sei que o senhor vai contar essa nossa história. E vai contar direitinho. O senhor não vai mentir. Quero que me prometa agora, que jure por tudo que é mais sagrado. Se o senhor não jurar, eu morro, mas o senhor é um homem morto. Jura! (LEMINSKI, 2004, p. 118)

O mundo virou. O tenente Euclides da Cunha está manietado no patíbulo, esperando abrir-se o alçapão que o levará à morte. É o Enforcado, a cabeça junto do chão, em comunicação com mundos subterrâneos, e capaz de perceber verdades inusitadas.

Como se tivesse visto o sol à meia-noite, o tenente jurou. Jurou e cumpriu. Os Sertões são a obra que diz o Brasil a si mesmo, marco para discussão da nação no projeto do Modernismo brasileiro. No final do século xx, os empenhos de compreensão da própria América Latina levam Vargas Llosa a escrever A guerra do fim do mundo – a saga de Antonio Conselheiro, construída a partir da obra de Euclides. Vargas Llosa, leitor do tenente Euclides da Cunha.

4. Caçador e produtor: implicações

O ser humano é, naturalmente, um leitor. Se me leio escrevendo isso, volto, quero apagar, onde ficam minhas teorias ao dar aulas para futuros ou atuais professores, dizendo, a escrita é um artefato cultural? Ler não é um processo natural, ensino sempre, ainda que estivéssemos fadados a inventar a escrita, um ardid necessário ao advento do comércio.

A escrita tem origem pragmática, ordinária. Como todo sistema simbólico, traz em si a possibilidade de ultrapassar-se. Satisfeitas as necessidades de registro do comércio, os sinais serviram a algo mais. Estabelecer leis, registrar a vida dos reis, narrar as batalhas, venerar os deuses. Não bastaria. Animais narradores, queríamos deixar nossas histórias para um tempo tão longe que só elas pudessem atingi-lo; queríamos lançá-las a tal distância no espaço que só elas poderiam abarcá-lo. O mais antigo desejo humano, atingir o tempo e o espaço em todas as direções. Quando, muito tempo depois, se conseguiu dar o nome a essa arte e necessidade, foi só uma questão de chamar estranho ao que era íntimo; dizer plural à mais singular capacidade dos humanos – comover por meio das palavras; mover-se

com elas. A literatura põe de pé cidade e ser, constrói um mundo que perdura até que nem ruínas mais existam daquilo que um dia foi.

Movimento espontâneo, capaz de sofisticções extremas e de reinventar-se de forma incansável, inexaurível, a literatura advém da capacidade de escrever, no sentido de registrar por escrito situações que para nada servem além de explicar-se o ser humano a si mesmo e aos outros. Arte que depende de um código, começa a ensinar-se, como técnica, na escola. E começa por seu verso, a leitura.

A teórica que sou explica bem aos alunos que ler não é decifrar, mas enlaçar. Aquele que constrói sentidos maneja laços entre palavras, circunstâncias, narrativas. Mas aquele que dá a armadilha, a malha estreita entre os vãos, maneja os buracos a pôr na rede. Constrói no antes dos sentidos, mas entre os sentidos.

Um é leitor, outro, autor.

Um é caçador a atravessar terrenos alheios; outro, senhor de terreno. Mas só se faz senhor de terreno quem muito caçou e, mesmo perdulário, guardou provisões. O escritor faz-se nesse processo, que não prescinde de um chamado pessoal, e manifesto, para passar de uma posição a outra. Continua sempre ciente de que, entre os dados com que joga, a caça é posição recorrente. Não existe escrita sem leitura, e o escritor se reconhece duplo desse que o antecede de maneira inevitável: o leitor.

Como todo duplo, deve instalar-se entre a advertência e a orientação; mas pode, como tantos outros, querer sobrepor-se ao indivíduo, impedir a sua realização. Se não mata o duplo, o escritor fenece. Se não permite que ressuscite, se esteriliza. Entre morrer e reviver, o leitor alimenta o escritor na caçada voraz em campos de outrem.

Como produtor, o escritor exerce uma ação intransitiva. Não cabem objetos nesse ato que se quer radical. Ele escreve. É um autor, essa função exercida pelo eu, conforme visão de Foucault (2002).

O escritor literário vai bem além de exercer a autoria como uma das funções do eu. Fruto da luta com o tecido do real, a escrita é uma rebelião (“Porque eu sei que o senhor vai contar essa nossa história. E vai contar direitinho.”), possível apenas porque o caçador errante que o escritor foi um dia o levou a recolher muitos textos que não lhe pertencem, mas indispensáveis ao novo ofício a que se dedica, sem jamais abandonar as antigas práticas.

5. O Mago na oficina

Dar asas à função do eu que permite a autoria, formando indivíduos autônomos em sua relação expressiva com o idioma, deve ser o objetivo crucial da prática pedagógica de língua vernácula na escola fundamental. Certa vez, duas colegas e eu realizamos uma oficina de produção de texto com nossos alunos dos anos finais do curso. Após a leitura e discussão de um conto sobre a alma de um espantalho, saímos a passear com eles pelas cercanias da escola, com a recomendação de que pegassem na rua qualquer objeto, de qualquer natureza, que pudesse instigá-los.

Os alunos colheram o corpo parcialmente mutilado de uma boneca, uma peça de radiador de automóvel, um galho de árvore escarnado e cheio de cogumelos, um pé de chinelo, uma caixa vazia, uma garrafa de vidro etc. Debruçavam-se no chão, abai-xavam-se junto ao muro de contenção da praia poluída, para colher dejetos da baía. Colhiam, para escrever.

Nos objetos encontrados, liam a alegria e o afeto da criança pelo brinquedo de outrora, o momento pleno em que o recebera; os trajetos a que servira a peça de carro; o jardim ou o lugar inóspito em que vivera a árvore, perdido o galho para a maré; o chinelo inútil que protegera um dia um pé caminhante. Víamos neles, ao escrever, magos ocupados em seu ofício de recriar, juntar pedaços, recuperar. Não tinham outros instrumentos além de lápis comum, papel, lápis de cor, borracha. Nos textos criados, o retorno a uma vida de antes projetava-se como momentânea ressurreição dos objetos na ligação com os seres humanos por cujas vidas teriam passado; mas visualizava-se também um pendor para o futuro, em que animavam-se novos objetos a partir de junções idealizadas durante o exercício.

Uma vez prontos, os textos eram expostos, com nome de autor. Os alunos passavam do nomadismo à fixação. Matavam o duplo, deixavam a marca, assumiam o crime imputado a eles.

Condenados e enforcados, veriam o mundo de ponta-cabeça, acederiam às entranhas da terra, veriam a ressurreição da vida. Mas, e o Mago que víamos tão à vontade em suas funções?

6. Cartas na mesa: figurações

O tarô é um baralho dos mais antigos, de origem não esclarecida. Com iconografia marcadamente medieval, impregnada de símbolos cristãos, é considerado um repositório do inconsciente coletivo, e a leitura divinatória dá-se sobre as funções estabelecidas no sistema distribuído em 78 cartas. Calvino, que o tomou como máquina narrativa combinatória, esclarece que, das várias pesquisas lidas sobre a cartomancia e a interpretação simbólica dos tarôs, terá aprendido “[...] que el significado de cada carta individual depende del lugar que ocupa en la sucesión de las cartas que la preceden y la siguen [...]”. (CALVINO, 1977, p. 138). O valor de cada uma das lâminas será sempre relativo, sem jamais alcançar um sentido absoluto e fixo. A leveza é a pauta da interpretação.

A leveza é um dos princípios de Calvino para a literatura no terceiro milênio (CALVINO, 1999). Não sei se consigo alcançá-la naquilo que escrevo. Não tenho dúvidas quanto à consistência, item sobre o qual Calvino não chegou a escrever, mas deixou como guia a indicação de *Bartleby*, o *Escrivão*, de Herman Melville; também não guardo incertezas sobre as tarefas inerentes à condição de escritora. Matei meu duplo, ajudei meus alunos, minhas alunas, a fazê-lo. E, entretanto, oscilo entre os chamados das figuras do Enforcado e do Mago para identificar meu ofício.

O Enforcado sempre esteve às portas do meu sono. Encostouse, certa noite, junto à grade da escada de ferro em caracol que leva da sala ao escritório. Passei a noite tremendo, para decidir, manhã já raiada, que avançava em meu projeto de autoria.

Talvez tenha sido o momento em que, sem que me desse conta, perpetrava o assassinato de um segundo duplo. Dava o comando à escritora, deixava a professora para trás.

O Bateleiro, ou Mago, não entra nos meus sonhos. Me espera à mesa de trabalho, refestelado, com suas bolas, o bastão, as espadas, as moedinhas. Parece não ligar muito para mim, mas “[...] el enigmático Arcano Número Uno, llamado el Prestidigitador, en que algunos reconocen a un charlatán o mago absorto en sus ejercicios” (CALVINO, 1977, p. 31) deixa ouvir suas risadas, adivinhar suas piruetas no lugar onde escrevo.

Brinco com ele, armo o jogo. O Enforcado, o Louco, o Mago. Um ternário:

“[...] o primeiro termo é ativo por excelência; o segundo é intermediário: ativo em relação ao seguinte, mas passivo em relação ao que o precede, enquanto o terceiro é estritamente passivo. O primeiro corresponde ao espírito, o segundo à alma, o terceiro ao corpo (CHEVALIER, GEERBRANT, 1974, p. 264-5, v. IV. Tradução para este trabalho).

A força interiorizada, espiritualizada, o mundo de ponta-cabeça, a perspectiva que vem do contato com as profundezas. O Enforcado.

O Louco é o vagabundo, o único que, além da Morte, caminha. Um errante em viagem perpétua, pois nada é fixo, nada permanece. Dá as costas ao mundo e parte, em busca da outra via, essa que escapa sempre que pensamos tê-la alcançado.

Tudo é ambivalência no Mago, e ele domina sua dualidade pelo equilíbrio entre as forças; ostenta em seu chapéu a forma algébrica do infinito, o que confere a supremacia do espírito. Criador de um mundo ilusório, abre o jogo dos vinte e dois arcanos maiores, e representa tanto o que dá como o que pede consultas, significando, no plano do Espírito, o mistério do universo.

Com semelhanças nas cores das vestimentas e dos sapatos dos arcanos, as três cartas me falam do ofício de escritora. O Enforcado exerce força sobre o Louco, que a exerce sobre o Mago e deixa-o passivo.

O Louco é um doador. Doa a fidelidade a si, à sua verdade que não pôde ser dita. Entrega ao mundo a sua fé. Como o Leitor, caminha sem parar, sem perder a fé naquilo que pilha, e continua a pilhar. O Enforcado permanece no lugar, auscultando as pulsações do futuro, enquanto o Mago zomba do presente, tão transformável em outra coisa.

Escrevo para voltar, respondi de imediato a um ilustrador a meu lado, quando ele disse desenhar para fugir. Sem pensar eu disse como agora, escrevo para voltar. Para onde volto?

Tal como a interpretação das cartas pede a leveza, o sentido é cambiante. Com a resposta que dou a meu ofício, mudo o jogo, ponho a carta do Louco como a primeira. Volto à loucura que me rege, a este desejo insano de arrumar o mundo que me põe em marcha sem cessar, que me faz partir do jardim de minha casa, esta planta não aquela, a outra fica melhor. Volto à sala de minha casa, o tapete sóbrio, e feito de muitos pedaços, a



*Palestra proferida durante o I Encuentro de Programas de Creación Literaria y Escritura Creativa de las Américas em Bogotá, realizado nos dias 24, 25, 26 e 27 de março de 2015.
Temática: Leer para escribir*

Nilma Lacerda é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora em leitura e escrita e especialista em literatura para crianças e jovens, com inúmeros artigos científicos publicados, além de livros de literatura infantil e juvenil premiados.

costura entre eles à mostra, em vez do arraiolo multicolorido. Parto da sala, do jardim, ganho rotas variadas. Caminho, volto. De novo dou às costas ao estável, parto.

Qual a língua que levo no alforje? A língua estrangeira da infância, que alcancei afinal? A língua fantasmal, a nos esperar no futuro, conforme se pode depreender das intervenções de Piglia? Pois se “[...] la literatura está siempre fuera de contexto y siempre es inactual; dice lo que no es, lo que ha sido borrado; trabaja con lo que está por venir” (PIGLIA, 2001, p. 39).

Nem estrangeira, nem fantasmal, nem mesmo a que encorpa almas, como Calvino. A língua errante, sem endereço fixo, que esteja onde não se pensa encontrá-la, é esta a que vai no alforje.

A língua no alforje, com ela caminha o Louco. Ao lado dele, o Mago, e, por fim, o Enforcado.

Sempre segui adiante. Comecei a fazê-lo quando, por cesariana, me foi dado o corte para nascer.

Referências

- CALVINO, Ítalo. *El castillo de los destinos cruzados*. Trad. Aurora Bernárdez. Nota prel. Jaime Rest. Buenos Aires: Ediciones Librerías Fausto, 1977.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. *Artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Chevalier, Jean, Gheerbrant, Alain. *Dictionnaire des symboles*. Paris, Seghers, 1974. 4 v.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 4.ed. Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Pref. José A. B. de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Passagens, 2002.
- LEMINSKI, Paulo. *Gente do Conselheiro*. In: _____. *Gozo Fabuloso*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2004.
- PIGLIA, Ricardo. *Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)*; ROZITCHNER, León. *Mi Buenos Aires querida*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- Vargas Llosa, Mario. *A guerra do fim do mundo – a saga de Antonio Conselheiro*. Trad. Remy Gorga, filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.



ENCARTE NOTÍCIAS 01 | JANEIRO 2015

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO
INFANTIL E JUVENIL

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra